

A xilo nos ares II

Há mais de seis anos - desculpem o trocadilho, mas como o tempo voa! - fizemos a primeira "A xilo nos ares". A pesquisa de suportes e materiais alternativos para xilogravura nos levou primeiro às pipas e depois às peneiras e bastidores.

Nesta época ainda não conhecia o "ukiyo-ê" (a xilogravura tradicional japonesa) e não sabia que séculos antes, no oriente, já se usava a xilogravura, em outra maneira, claro, na confecção de fantásticas pipas.

Recentemente o público brasiliense teve a oportunidade rara de conhecer, "in natura", alguns belíssimos exemplos desta arte japonesa, numa exposição também realizada na Fundação Cultural do DF, "Papagos e piões do Japão".

De fato, a xilo e a pipa constitui um casamento perfeito de - mais para ter sido realizado somente em Brasília, quase no século XXI.

Ainda que perdendo a "patente", o céu de Brasília é um apelo irresistível às xilo-pipas e fica a alegria de um trabalho de equipe, original, à nossa maneira e com sabor de infância.

Sobretudo surpreende a variedade de soluções gráficas e formais, que têm me parecido inesgotáveis, renovando-se a cada curso em descontraída e gostosa emulação. Os resultados diferem muito dos japoneses, mesmo porque a técnica e o enfoque são outros.

São estes anos de pesquisa que os "xilo-pipeiros" da UnB oferecem à comunidade brasiliense com um convite: - "Venha fazer sua pipa conosco!"

Stella Maris de Figueiredo
Brasília, 20 de outubro de 1986.